

ALFABETIZAÇÃO DIGITAL PARA JOVENS E ADULTOS: UMA PROPOSTA INOVADORA

Resumo

O presente estudo vem elucidar e sugerir novas formas de trabalho didático pedagógico utilizando as tecnologias da inteligência digital para a alfabetização de jovens e adultos por meio da linguagem das tecnologias.

O processo de alfabetização atualmente, não se restringe mais às competências e habilidades da leitura e escrita, uma vez que, além desse processo, dispomos da alfabetização digital, não obstante o processo de exclusão digital em que se encontram, na mesma proporção, de analfabetos de leitura e escrita.

O analfabetismo digital é tão problemático quanto o analfabetismo da leitura e da escrita e, assim sendo, deve ser considerado uma grande dificuldade para o acesso, e atuação das pessoas no seu cotidiano.

Nossa intenção é discutir alguns elementos para a construção de uma proposta de alfabetização digital aos analfabetos da leitura e escrita gramaticais. Essa proposta é paralela e complementar ao trabalho de alfabetização. Para tanto, nosso objetivo organiza-se no sentido de possibilitar sugestões de trabalho aos professores que alfabetizam jovens e adultos com o auxílio da tecnologia, especificamente aqui delimitado no uso do computador.

Palavras Chave: alfabetização, jovens e adultos, computadores, ensino e aprendizagem.

Alfabetização da língua escrita e alfabetização digital

A ação de alfabetizar refere-se ao processo de ensino e aprendizagem da língua escrita, enquanto estar alfabetizado refere-se às competências e habilidades construídas por alguém que já compreende o sistema de escrita. É fundamental para o professor saber quais conhecimentos aquele que já está alfabetizado construiu, pois as atividades de ensino da prática da alfabetização devem tematizar esses mesmos conhecimentos para que o aluno possa deles apropriar-se.

Na realidade, a alfabetização pode ser entendida como o processo de compreensão do sistema de escrita, inevitavelmente inserido em outro processo mais amplo que implica a aprendizagem da linguagem escrita e de seus usos sociais, fenômeno esse denominado letramento.

Esse termo difere-se de alfabetização uma vez que esta se refere ao processo ensino e aprendizagem do código escrito. Os usos feitos da leitura e da escrita são socialmente determinados, tendo portanto valor e significado específicos para cada comunidade. Sendo assim, o domínio do código escrito é algo que se espera em todas as comunidades nas quais os indivíduos sejam reconhecidos como alfabetizados, enquanto as práticas de letramento podem variar de comunidade para comunidade, e até mesmo de grupos sociais para grupos sociais dentro de uma mesma comunidade. As pessoas podem estar mais familiarizadas com certas práticas de letramento do que com outras, dependendo do engajamento delas naquela prática social específica. Em contrapartida, elas não podem ser mais ou menos alfabetizadas. Sabem, ou não sabem, ler e escrever. Essas noções não são facilmente aceitas quando temos uma realidade social na qual há indivíduos que apenas sabem assinar o próprio nome, outros que são capazes de ler e produzir pequenos textos, outros ainda que têm o hábito de ler jornal, e outros que usam o código escrito como ferramenta essencial para suas interações diárias, seja no trabalho, na igreja, ou em qualquer outro domínio social.

Soares (2001, p.31 e 39) elabora definições bem claras de alfabetizar, alfabetização e letramento.

Alfabetizar é “ensinar a ler e escrever, é tomar o indivíduo capaz de ler e escrever”.

Alfabetização é “a ação de alfabetizar”.

Letramento é “o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais”.

Segundo Ferreiro (1990), em alguns momentos da história faz falta uma revolução conceitual. Acreditamos ter chegado o momento de fazê-la a respeito da alfabetização.

Kleiman (1995) refere-se ao letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos.

O termo alfabetização pode ser compreendido como a simples aquisição do código escrito, não dando conta de explicar todos os aspectos que envolvem o uso da escrita, pois não supõe o que os sujeitos conseguem fazer com ela. O conceito de letramento nos obriga a repensar o conceito da escola, pois mostra por que não basta somente ensinar a decifrar o código da escrita: é preciso ensinar a fazer uso da leitura e da escrita, isto é, fazer com que os sujeitos incorporem novas práticas letradas as suas vidas.

As diversas formas, métodos e metodologias, além das teorias para a alfabetização, pressupõem diversas possibilidades. O objetivo aqui se delimita ao trabalho com o uso da teoria e escritos de Paulo Freire. É nossa intenção, não só proporcionar à alfabetização de jovens e adultos sugestões pedagógicas, paralelamente delimitar a alfabetização digital como complemento e inclusão dos jovens e adultos nas possibilidades da tecnologia e de seu mundo amplo de informações, que esse aprendiz não teve possibilidade de estar inserido.

Segundo Freire (2000), a educação hoje é a que melhor adapte homens e mulheres ao mundo tal qual está sendo. Nunca talvez se tenha feito tanto pela despolitização da educação como se faz hoje. Essa afirmação de Freire nos preocupa no que diz respeito ao significado e sentido da educação na sociedade da informação e do conhecimento.

Pensando nessa contextualização, o trabalho aqui colocado oferece um significado reflexivo e analítico à linguagem digital. O indivíduo alfabetizado digitalmente não terá, em seu repertório, somente um aprendizado técnico ou treinável, mas estará apto a uma percepção de informações numa outra instância de conteúdos educativos, que proporcionará sua reflexão e análise politizada. No sentido freireano, para o cidadão realizar seu processo de conscientização, é

imprescindível que suas informações sejam atualizadas e que ele tenha acesso às mesmas informações, de várias formas e com diversas opiniões.

A tecnologia proporciona esse processo, esse aspecto uma vez que as pesquisas que desenvolvemos estão considerando a maneira como utilizar a teoria freireana em relação às tecnologias, para que o processo seja significativo na perspectiva crítico social dos conteúdos, e libertador, mediante o acesso à informação e uso dela.

Segundo Casério (2003, p.65) os princípios da lingüística aplicado às tarefas específicas da alfabetização caracterizam os métodos de alfabetização com base nos seguintes princípios:

- O aluno deve ser sujeito da ação de ler e escrever; temas, frases, palavras-chave devem ser significativos, partindo da escola do aluno e da sua realidade lingüística e social.
- Para uma leitura considerável: palavras, frases soltas e principalmente discursos ou textos devem ser interpretados criticamente a partir do contexto social, psicológico e lingüístico do aluno.
- O texto escrito é um reflexo da comunidade que permitiu a sua produção, e para a qual ele se destina.
- Conhecimento do que vem a ser o “erro logístico”, enquanto etapa de um processo em desenvolvimento ou desconhecimento de convenções que privilegiem determinadas formas lingüísticas. Aliado ao reconhecimento dos pressupostos ideológicos subjacentes ao ato de corrigir, levará o professor a uma atitude não prescritiva, proporcionando um aprendizado crítico da língua escrita.

O processo de alfabetização ocorre na realidade por três formas seqüenciais ou chamados métodos de alfabetização. São eles: sintético, iniciando pelas sílabas, letras e pelo som; o analítico, partindo da palavra, sentença, tema ou frase, e o eclético, na seqüência de passos que se sucedem e recomeçam durante todo o processo de aprendizagem e leitura – parte da sentença, palavra-chave e formação de palavras com sílabas.

Em decorrência disso, para o desenvolvimento do processo educativo na alfabetização, existem algumas habilidades necessárias, como: a discriminação visual, a orientação espacial, a orientação temporal e a percepção auditiva. A partir

desses parâmetros gerais da alfabetização, o método Paulo Freire nos proporciona outros aspectos os quais ressaltaremos no subitem a seguir.

O que denominamos alfabetização digital passa pelo aspecto da alfabetização inicial a que nos referimos anteriormente. O adulto precisa ter contato com a nova linguagem da tecnologia, suas características e elementos, desenvolvendo competências e habilidades para seu uso.

A tendência pedagógica aqui está subsidiada na pedagogia libertadora, que se estrutura por uma educação que questiona a realidade das relações do homem com a natureza e com os outros homens, visando a uma transformação, por isso uma educação crítica. Os conteúdos de ensino são os temas geradores, extraídos da problematização da prática de vida dos educandos. O importante não é transmitir conteúdos específicos, mas despertar uma nova forma de relação com a experiência vivida.

A codificação e a decodificação, bem como a problematização da situação, permitirão aos educandos um esforço de compreensão do entorno social, até chegar a um nível crítico de conhecimento da sua realidade, sempre mediante troca de experiências da prática social. O que sustenta este processo é o diálogo, definido numa relação horizontal onde educador e educandos se posicionam como sujeitos do ato de conhecimento Libâneo (1985).

O método Paulo Freire mediado pelo digital

A exclusão digital ocorre ao se privar as pessoas de três instrumentos básicos: o computador, a linha telefônica e o provedor de acesso. O resultado disso é o analfabetismo digital, a pobreza e a lentidão comunicativa, o isolamento e o impedimento do exercício da inteligência coletiva (Silveira, 2001).

Além da falta de acesso aos recursos materiais, também existe a necessidade da alfabetização digital em relação à linguagem e ao uso dos recursos potencializadores da tecnologia.

A importância da tecnologia na prática educativa e a questão da exclusão digital, serão analisadas com muita propriedade por Paulo Freire, ao destacar:

A compreensão crítica da tecnologia, da qual a educação de que precisamos deve estar infundida, é a que vê nela uma intervenção crescentemente sofisticada no mundo a ser necessariamente submetido a

crivo político e ético. Quanto maior vem sendo a importância da tecnologia hoje, tanto mais se afirma a necessidade de rigorosa vigilância ética sobre ela. De uma ética a serviço das gentes, de sua vocação ontológica, a do ser mais e não de uma ética escrita e motivada, como a do lucro e do mercado. (FREIRE, 2000, p.102)

Considerando o método Paulo Freire de alfabetização de jovens e adultos, propomos, a seguir, a inclusão da alfabetização digital paralela a esse processo como a integração da metodologia às fases organizadas por Freire em sua teoria.

Nosso objetivo é oferecer subsídios aos docentes da educação de jovens e adultos para o trabalho com as tecnologias, proporcionando ao adulto analfabeto o conhecimento de uma outra realidade, que está em seu entorno social, mas que a falta de acesso, bem como a falta de condições científicas de uso. Tal realidade são os computadores, seus softwares e, principalmente, a Internet e suas possibilidades.

Inicialmente Freire propõe um estudo sobre o universo vocabular e temático dos jovens e adultos que serão alfabetizados. É necessário analisar a realidade social na vida, no pensamento e no imaginário das pessoas. Essa descoberta do mundo mediante a fala dessas pessoas deve servir para criar um momento comum de descoberta, em que palavras, desenhos, fotos, frases, dados, enfim, informações com as quais se terá um universo, daí surgindo o que Freire denominou palavras geradoras.

Na alfabetização digital, paralelo a esse trabalho de pesquisa do ambiente social o qual o alfabetizando vivencia, é necessário buscar, nas tecnologias, meios que auxiliem na seleção de maiores informações e atualizações sobre essas palavras geradoras, potencializando-as. A tecnologia vem potencializar as informações sobre essas palavras facilitando assim o trabalho a ser desenvolvido.

Da mesma forma na alfabetização há necessidade de algumas habilidades para ocorrer o processo, para a alfabetização digital também são necessárias algumas habilidades, como: a coordenação motora com o *mouse*, que deve se iniciar pela descoberta da lateralidade e da conexão do *mouse* na tela; em seguida, o reconhecimento dos símbolos do computador na representação do aluno tais símbolos são essenciais para a percepção e a associação às tarefas que o computador pode desenvolver: e em seguida, a capacidade de gerenciar e coordenar os cliques e a direção do *mouse*.

Já o uso do teclado deve ser iniciado a partir da alfabetização das letras e sons. O uso do computador para adultos analfabetos deve ser realizado após os

primeiros contatos com as sílabas e palavras, já que este é um outro universo de linguagens, solicitando um conhecimento prévio dos símbolos da leitura e escrita

Ao contrário das crianças, o adulto analfabeto não está imerso no mundo dos símbolos da tecnologia, por isso, para elas o contato com as tecnologias se torna muito mais rápido. Ao iniciar a alfabetização digital, há necessidade de deixar que o adulto explore o aparelho computador e descubra suas peculiaridades, como o *mouse*, o teclado e monitor, além do *hardware*. O aluno ele precisa familiarizar-se com ele aos poucos e, a partir de algo concreto, conhecer um universo que, para ele, pode ser desconhecido e, muitas vezes, assustador.

Após esse trabalho de sensibilização, deve-se usar o computador de forma técnica com exercícios de *cliques* do *mouse* em imagens *scaneadas*¹ da realidade desses alunos, coletadas na pesquisa realizada no universo cultural em que vivem. As imagens podem ser disponibilizadas em arquivos previamente selecionados pelo professor.

Assim, o professor orientador do trabalho está inserido em um contexto em que suas ações são mediações pedagógicas. Segundo Moran; Masetto; Behrens, (2000, p.144)

Por mediação pedagógica entendemos a atitude, o comportamento do professor que se coloca como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, que se apresenta com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem [...] é a forma de se apresentar e tratar um conteúdo ou tema que ajuda o aprendiz a coletar informações, relacioná-las [...] com seus colegas, com o professor até chegar a produzir um conhecimento que seja significativo para ele...

Exemplo desse trabalho é esta imagem *scaneada* de um álbum de pinturas de Portinari.



¹ Scanner é um aparelho que tira cópias de imagem ou textos e as transforma em códigos digitais, transferindo-os para dentro do computador em forma de imagem.

Uma imagem como esta possibilita um trabalho qualitativo na reflexão dos alunos.

Em seguida, Paulo Freire nos apresenta uma reflexão essencial em sua seleção das palavras e temas geradores:

A melhor palavra geradora é aquela que reúne em si a maior porcentagem possível dos critérios sintático (riqueza fonética), semântico (adequação da palavra com o ser) e pragmático (maior teor de conscientização que a palavra proporciona) (BRANDÃO, 1981, p.31)

Assim entendida, a palavra proporciona o diálogo Freire (1983b) refere-se ao diálogo como uma exigência existencial. Ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos no mundo. Assim sendo, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco se transformar em simples troca de idéias a serem consumidas, mas sim na problematização e reflexão, essência do diálogo.

O diálogo pressupõe um trabalho de clarear as idéias analisando, revendo, refletindo e reconstruindo algo considerado como verdade, ou ainda não descoberto intrinsecamente escondido, com o ato reflexivo, o sentido político da alfabetização se torna um processo paralelo ao conhecimento científico do processo de aquisição da linguagem.

Na alfabetização digital, a questão do diálogo se torna um processo de interface entre homens e máquina: após o aprendizado técnico, a relação se torna entre homens e informação.

Segundo Lévy (1999, p.37), interface pode ser definida como a imersão, por meio dos cinco sentidos em mundos virtuais cada vez mais realistas. Nessa abordagem da interface como realidade virtual, o humano é convidado a passar para o outro lado da tela e a interagir de forma sensório-motora com modelos digitais. Também podemos pensar a interface como a possibilidade de ampliar uma realidade inserida num ambiente digital que nos fornece os diferentes recursos de criação, informação e comunicação dos quais necessitamos.

A tecnologia proporciona o acesso às informações, a descoberta do mundo na Internet. Nela as informações são amplas e o diálogo homem e máquina iniciando-se por esse processo de busca e descoberta.

O diálogo em Freire (1993a) a relação horizontal de A com B, nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Por isso, só o diálogo comunica e quando os dois

pólos dele se ligam, assim se fazem críticos na busca de algo. Instala-se então uma relação de simpatia entre ambos, só aí há comunicação, diálogo, comunicação e intercomunicação.

Para isso é necessária a palavra e o tema gerador além de exercícios, analisados e discutidos no diálogo da dialética, da politização dos saberes e da quebra do senso comum.

A busca da informação e as palavras geradoras digitadas nos buscadores² como: *google*, *cadê*, *altavista*, *yahoo*, *miner*, dentre outros, trarão ao estudo do aprendiz uma outra perspectiva de diálogo não pensado, em decorrência da falta de informação atualizada e diversificada.

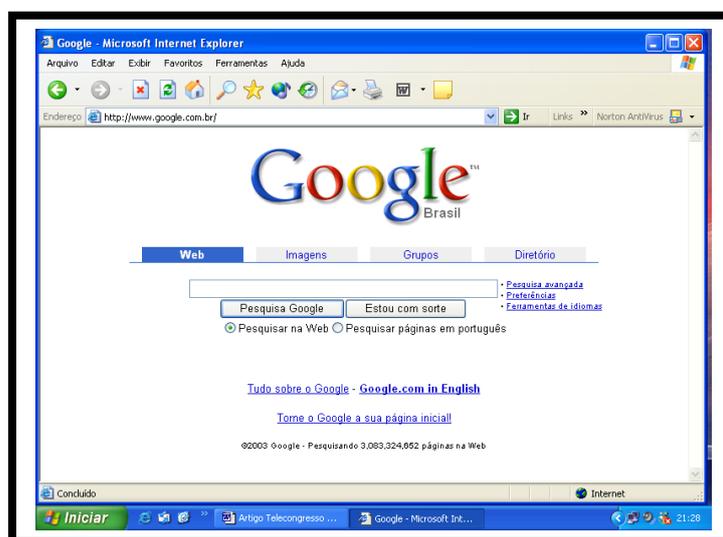


Figura02 – Imagem do buscador google, retirada do site de busca www.google.com.br

Para esse tipo de exercício, há necessidade de ambientar o aluno nos mecanismos e ações dentro do espaço virtual. Sugerimos, nas primeiras atividades, que o professor/orientador auxilie o aluno nos códigos e na busca para que, aos poucos este se ambientize com o novo espaço de linguagem e informação.

A decodificação das palavras traz, ao mesmo tempo, sua associação a um núcleo de questões existenciais ligadas à vida do alfabetizando, que começa a enxergar algo que jamais pôde compreender tanto na sua condição social como nas relações que envolvem esse processo no seu país e no mundo. Essa decodificação

² Buscadores espaços da Internet, que possuem banco de dados com todo tipo de informação e que podem ser acessados a qualquer momento.

ampliada, de cunho científico e social, deve ser priorizada nas alfabetizações aqui propostas, uma pelo diálogo, e a outra pela busca de informações.

A partir desses aspectos, inicia-se o trabalho com as regras de leitura e escrita da língua. Não precisam ser mais do que 16 ou 23 palavras geradoras retiradas da pesquisa prévia, essas devem obedecer a um critério de organização que permeia uma temática que gere o diálogo e a reflexão proposta.

Essas palavras podem ser trabalhadas na alfabetização digital, no editor de texto *Word* (um recurso disponibilizado pela plataforma *Windows*), a partir do qual o aluno começa um trabalho de ação alfabetizadora, no momento que consegue digitar inicialmente a palavra proposta. No método sintético, da sílaba para a palavra, à medida que o aprendiz digita, consegue associar como acontece a junção das palavras, tornando-se capaz de apagar redigitar e observar seu próprio erro, que o computador demonstra. Utilizamos, nesta fase, tanto a alfabetização propriamente dita como a alfabetização digital proposta. (Tajra, 2000).

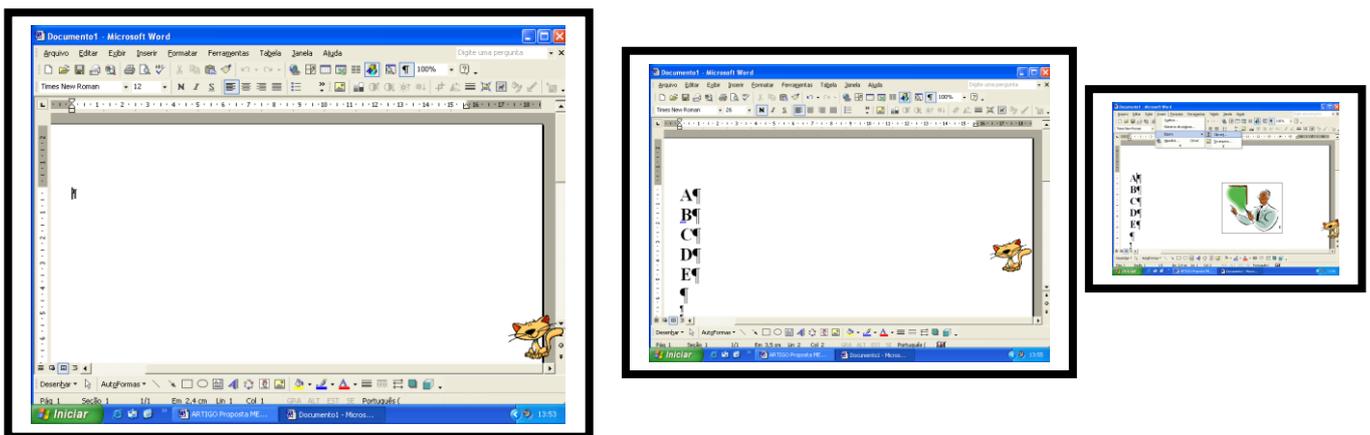


Figura 03 – Imagens do editor de texto *Word*

As atividades realizadas devem utilizar o editor de texto somente para digitar as letras e sílabas, até o momento em que o aluno consiga figuras e, assim, crie a partir de suas tentativas, outras possibilidades, frutos de sua própria.

Obviamente que os alunos terão dificuldades na experiência, mas cabe ao professor/orientador estimular e despertar o interesse desses aprendizes. Um aspecto central a ser ressaltado é o “medo” natural da maioria dos adultos em relação ao computador, medo esse que vai desde o dano material, de quebrar algo, até o medo de não ser capaz de realizar as ações proporcionadas. A forma de conduzir isso é não cobrar, mas sim afirmar e agir de forma contrária a esses

“medos”. Para isso, o professor/orientador deverá errar junto e deixar claro que a aprendizagem é algo colaborativo, fruto de tentativas de acertos e erros importante, no final do processo, é a experiência proporcionada.

Segundo as reflexões de Zuben (2003) a experiência é uma maneira de se relacionar a verdadeira realidade é aquela que é experienciada.

Após a palavra geradora, Paulo Freire traz o conceito dos temas geradores, usados no período de pós-alfabetização, quando os alunos já alfabetizados de forma funcional, com habilidades de leitura e escrita, conseguem, com o tema gerador, realizar um processo de reflexão mais amplo e elucidativo.

Para os temas serem selecionados, utiliza-se a mesma forma da palavra geradora, recolhendo material mediante o conhecimento do ambiente e dos alunos. Esses temas geradores devem ser distribuídos seguindo um roteiro que destaque:

- ❑ A natureza e o homem: o ambiente.
- ❑ As relações do homem com a natureza: o trabalho.
- ❑ O processo produtivo: o trabalho como questão.
- ❑ Relações de trabalho.
- ❑ Formas de expropriação: relações de poder.
- ❑ A produção social.
- ❑ Formas populares de resistência e de luta.

Esses temas geradores proporcionam, além da compreensão de mundo no que chamamos de conscientização, a produção do diálogo dos educandos em torno dos temas, finalmente os debates.

Em Freire (1992, p.45), na etapa da alfabetização, o que se pretende não é ainda uma compreensão profunda da realidade que se está analisando, mas desenvolver aquela posição de estímulo à capacidade dos alfabetizados como sujeitos do conhecimento desafiados pelo objeto a ser conhecido. É exatamente a experiência sistemática desta relação que é importante. A relação do sujeito que procura conhecer o objeto a ser conhecido. Na etapa posterior é que este processo se afunila e traz modificações para o sujeito.

Na seqüência, o que se desenvolve também são as denominadas fichas de cultura, onde estão grafados desenhos produzidos em cartazes ou *slides*, que trazem e promovem debates para o grupo, em círculo, elaborando um diálogo, aprofundando conceitos e delineando outras situações.

Utilizando a tecnologia, destacamos que Freire uso a imagem para a construção do cenário das análises deste processo de diálogo. Para tanto o programa *Paint Brusher* (um recurso da plataforma *Windows*), que disponibiliza ao educando instrumentos para a elaboração de desenhos de forma simples e lúdica, pode ser usado como um instrumento de construção e treino das habilidades técnicas.

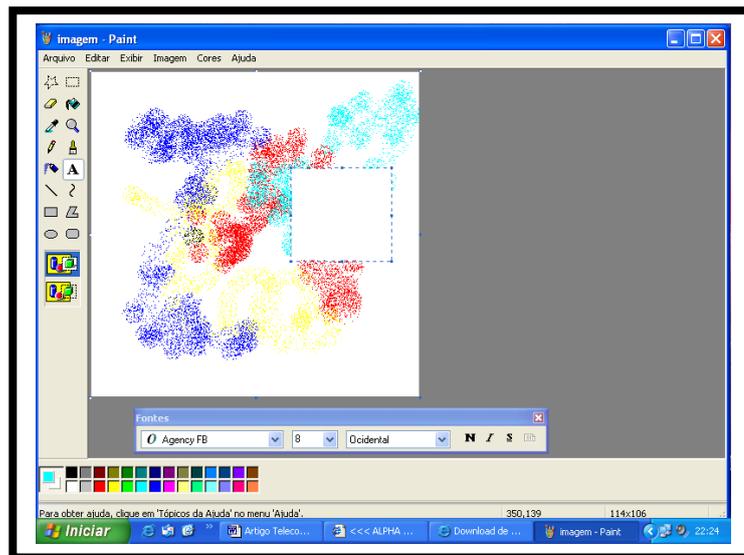


Figura 04 – Imagens do Programa Paint Brusher

Este programa proporciona, além do desenvolvimento das habilidades técnicas o desenvolvimento da criatividade na elaboração de imagens para a construção estética de seus próprios textos.

A construção dos próprios textos pela imagem proporciona aos alfabetizados significados na elaboração do texto escrito. Nas análises de Gutierrez e Prietro (1994, p.100) o significado para o aprendiz, na construção de seu texto, caracteriza-se por:

- Confrontar-se com os textos institucionais através de um olhar crítico do seu próprio texto.
- Realizar um progresso visível em seu próprio processo de aprendizagem.
- Possibilitar formas pedagógicas de apropriação dos temas e análises realizadas.
- Obrigar a observar seu contexto e a extrair informações dele mesmo.
- Materializar sua aprendizagem num produto próprio.

Tais sugestões são possibilidades iniciais de trabalho educativo, tendo em vista que, com o progresso e desenvolvimento da alfabetização, conquista-se uma amplitude maior e outras formas de atividades e exercícios com os infinitos recursos da tecnologia. Esse estudo tem por meta uma cultura de uso e possibilidade prática da inclusão pedagógica, não só pelo acesso a ela mas pelo seu uso na educação.

As atividades propostas são possibilidades iniciais de sensibilização e início de uma integração mais sólida com o uso da tecnologia. A partir do uso técnico inicial como recurso, abrem-se as primeiras tentativas de uso de forma pedagógica. Esse trabalho ocorre paralelamente ao proposto, ou acontecerá depois, em um segundo momento de discussões e sugestões de trabalho.

A alfabetização freireana e a alfabetização digital aqui sugerida estão ligadas diretamente ao que Freire denomina democratização da cultura, em que a consciência crítica é a representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica. Nas suas correlações causais e circunstâncias, a consciência ingênua se crê superior aos fatos, denomina-se fora, por isso, se julga livre para entendê-los conforme melhor lhe agrada.

O objetivo central dos escritos de Freire, sempre foi a inclusão de todos no contexto social, como também e o desenvolvimento da reflexão e da conscientização dos processos que os conduzem para poder analisar e ter o poder de decisão sobre a sua situação de cidadão. Paulo Freire enfrentava, para conseguir isso, uma sociedade de analfabetismo e ditadura do diálogo.

Hoje algumas décadas depois o mesmo problema sobrevive na sociedade da informação e do conhecimento, a grande mudança é que temos um novo instrumento para o processo, as tecnologias da inteligência, especificamente o computador e a Internet. A irreversibilidade do progresso da técnica e ciência nos condiciona a imersão e a relação com essas novas formas sociais. A tecnologia não pode ser desprezada e nem negada, o processo é intrínseco, mas ela pode construir e atualizar o mesmo contexto que Paulo Freire analisava nas décadas anteriores. A proposta que cabe a essa situação é aqui denominada alfabetização digital paralela à alfabetização e ao letramento dos milhões de adultos analfabetos.

A democracia priorizada nos escritos da educação libertadora freireana também aqui é priorizada com a tecnologia. De acordo com Silveira (2001), podemos afirmar que a democracia com o digital pode ajudar o cidadão a acabar com o monopólio da informação.

Hoje as possibilidades de conscientização são muito maiores, mas ao mesmo tempo as possibilidades de alienação também se multiplicaram. A necessidade das pessoas hoje é a condição de acesso e busca de informação para viver e acompanhar as mudanças que interferem diretamente na sua vida cotidiana. Para isso são necessárias a alfabetização e, a alfabetização digital, dois desafios que se colocam atualmente, uma vez que não é mais possível, pensar na alfabetização de jovens e adultos sem pensar sobre a tecnologia neste processo.

Enfim, a proposta de aplicabilidade prática desta pesquisa e análise inicial está em construção e, o mais brevemente possível, pretende-se a viabilização desses elementos de construção numa estratégia de alfabetização com o uso da tecnologia.

Considerações finais

O trabalho aqui redigido, com as primeiras análises dos estudos do método Paulo Freire e da interface com as tecnologias digitais, proporciona-nos uma certeza de pesquisa: existe, na ciência, uma imensa possibilidade de atualização dos conhecimentos e de interfaces. Esta proposição é real, tendo em vista que conseguimos sugerir e encontrar pontos de conexão entre realidades e teorias aparentemente distintas.

A tecnologia digital vem potencializar a condição humana para a produção do conhecimento e aprimoramento de informações.

Nossa intenção não contemplou os mais diversos recursos da tecnologia e os softwares extremamente desenvolvidos, mas sim pequenas iniciativas que serão o *start*³ do processo de aquisição de uma linguagem e ambientação de uma realidade antes não vivenciada por um jovem ou adulto analfabeto.

A inclusão pedagógica digital não é um modismo do mundo desenvolvido, mas uma necessidade de contextualização e participação do cidadão no contexto social que vivencia.

³ Palavra em inglês que significa início.

Referências

- BRANDÃO, C. R. **O que é método Paulo Freire**. 5 ed. São Paulo: Rio de Janeiro, 1981.
- CASÉRIO, Vera Mariza Regino. **Educação de Jovens e adultos: pontos e contrapontos**. Bauru: Edusc, 2003.
- FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez/autores associados, 1985.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 37.ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 15 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983a.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1983
- GUTIÉRREZ, Francisco; PRIETO, Daniel. **A mediação pedagógica**. Campinas/São Paulo: Papyrus, 1994.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LIBANÊO, Carlos José. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1985.
- MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas/São Paulo: Papyrus, 2000.
- SILVEIRA, Sergio Amadeu da. **Exclusão digital: a miséria na era da informação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- TAJRA, Sanmya Feitosa. **Informática na educação: novas ferramentas pedagógicas para o professor da atualidade**. São Paulo: Érica, 2000.
- ZUBEN, N. Aquiles Von. **Martin Buber cumplicidade e diálogo**. Bauru: Edusc, 2003.

DIGITAL LITERACY FOR YOUNGSTERS AND ADULTS: AN INNOVATIVE PROPOSAL

Abstract

This paper elucidates and suggests new approaches of didactic pedagogical work using technologies of digital intelligence for literacy of youngsters and adults for technology languages. Nowadays, the literacy process is not restricted to writing and reading skills, besides this process we find the digital literacy, that is to say, the process of digital exclusion, in which we find on the same level, writing and reading illiterate people. Digital illiteracy must also be considered as a difficulty for the access and development of people in their daily life and social context. We aim to discuss some construction elements of a digital literacy proposal for writing and reading illiterate people. This proposal is parallel and complementary to literacy work. As a result, our purpose is to provide suggestion of work for teachers' who teach youngsters and adults through technology, especially computers, for literacy and consequently digital literacy.

Key words: literacy, youngsters and adults, computers, teaching and learning.